

SONHO

AMERICANO

E eu cheguei até aqui. A largada da Maratona de Nova York.
Concentra, cara. É sua final de Copa do Mundo

Por Bruno Favoretto Fotos Alexandre Battibugli



➔ **E**NTRE OS 8 E OS 15 ANOS DE IDADE, EU TINHA UMA FANTASIA QUANDO me preparava para dormir. O desejo de me tornar jogador de futebol era tamanho que eu, deitado, imaginava que estava em algum hotel do mundo, às vésperas de disputar uma partida decisiva. Eu não virei boleiro, mas, na noite anterior à minha participação na 42ª Maratona de Nova York, a sensação que eu simulava quando era moleque virou realidade. Era a minha Copa do Mundo. “Culpa” da RUNNER’S WORLD, que me desafiou a driblar o sedentarismo rumo à prova mais badalada do planeta, história que contamos nas três últimas edições da revista. Quase 12 anos depois de levar um tiro de um policial paulista, que me fez perder o movimento das pernas, eu vivi uma emoção que provavelmente não teria existido se eu não estivesse paraplégico.



DICK DUGA
Almoçando com o mito Dick Traum, fundador da Achilles; abaixo, a delegação brasileira

O barato de estar em uma corrida dessas começou muito antes do domingo, 6 de novembro, o grande dia. Logo na chegada aos Estados Unidos, na quinta-feira anterior, já era possível respirar a maratona, principalmente no hotel onde eu estava, na 7ª Avenida, em frente ao Madison Square Garden. Tinha gente de todo canto. Russos, holandeses, cadeirantes da Polônia, do Equador... Se eu já tinha milhares de estímulos para não amarelar, ganhei mais um ao conhecer Robson Santos, 35 anos, atleta da equipe paulistana ADD. Ele teve os braços e as pernas amputados há dois anos em consequência de uma leptospirose. Em poucos meses de treinamento

com suas próteses, o cara já se tornara um dos 47 000 corredores dispostos a encarar os mais de 42 km do evento. É mole?

QUE VACILO!

Era sexta-feira. Mário Mello, meu treinador, estava na pilha. A paixão que ele tem pelo esporte só não é maior que a vontade de ver os 13 deficientes brasileiros que lá estavam cruzando a linha de chegada. Representante no Brasil da Achilles International, ONG norte-americana que incentiva portadores de todo tipo de deficiência a praticar corrida, Mário saiu pelas ruas em meio a um exército de cadeiras de rodas para buscar os kits da prova, que continham chip, sacolas guarda-volumes, adesivos para as cadeiras, entre outras tranqueiras.

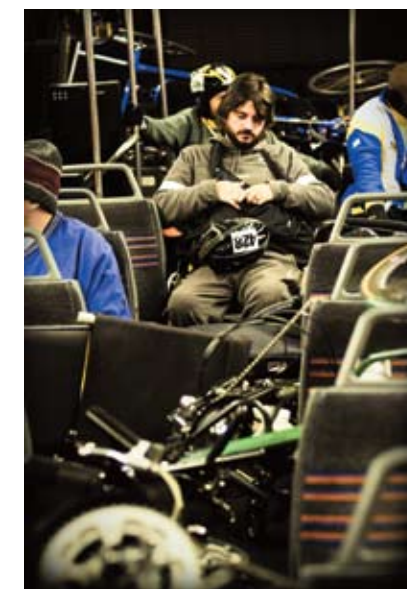
Não fiz nenhum treino em solo americano, mas abusei naquela noite. É que tínhamos o tradicional jantar da Achilles com as delegações dos mais de 70 países onde a entidade é representada. Decidi sair mais cedo e ir até o evento no braço. O problema é que a distância entre meu hotel e o jantar era de 26 quarteirões, com leve subida em alguns trechos. Cheguei, mas minha mão doeu demais. Risco bobo...

TEORIA DO CAOS

Do mesmo jeito que o bater de asas de uma borboleta em Tóquio pode provocar



SINAL VERDE
O momento da largada; 93 carinhas do mundo todo na mesma vibe



um furacão em Nova York, uma ideia de um deficiente sonhador em Nova York pode fazer muita gente desacreditada brilhar no esporte mundo afora. É a Teoria do Caos. Viagem minha? Não, estou falando de Dick Traum, fundador e presidente da Achilles, com quem almoçamos no sábado. Outra boca-livre, mas dessa vez Dick recebeu separadamente todas as delegações da Achilles do mundo. Ele me contou que, em 1965, tinha 24 anos, trabalhava como humorista e perdeu a perna direita em um acidente num posto de gasolina. Foi trágico, porém ele faria muito mais gente sorrir a partir disso do que quando era comediante.

EXPRESSO DA MADRUGADA

Na esquina da 37 com a 5ª avenida, o embarque no ônibus rumo a Staten Island

De prótese, o homem se tornou o primeiro amputado a disputar uma Maratona de NY, em 1976. Sete anos depois, criou a Achilles e conseguiu espalhar o sonho pelo mundo todo, inclusive realizando o meu, já que foi pela entidade que conseguimos um técnico e uma handbike a preço bacana. Em tempo: Dick tem 71 anos, mas participou da prova neste ano na mesma categoria que eu, que tenho 29 anos. Claro, o “velho” chegou muuuito à frente de mim! Ele foi o 39º colocado, enquanto eu fui o 75º.

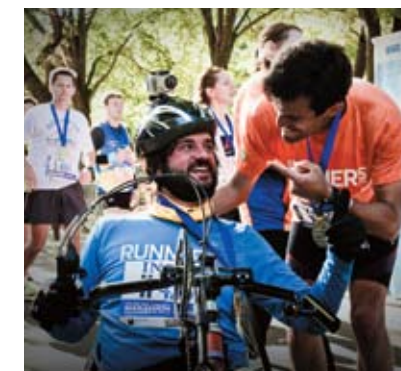
Depois do almoço com Dick, já era sábado à tarde. A grande corrida estava chegando e a ansiedade, transbordando. Eu tinha dormido em cima do ombro, mas um remédio aliviou a chatice. Hora de poupar energia, pois eu teria que acordar às 4 da manhã no domingo. Estava um pouco afilto, pois nunca havia participado de uma maratona e não sabia o grau de dificuldade das subidas que eu encontraria. Eu só as conhecia dos filmes. Liguei para minha mulher, para meus pais... Não dava mais para voltar atrás. Oba!



MINHA COPA
Na saída do Central Park, um corredor humano me aplaudiu



MISSÃO CUMPRIDA
À esq, recebendo a medalha. Acima, com o “manto de finisher”. Abaixo, com o mano Iberê



A MAÇÃ
OS NÚMEROS DA AVENTURA
DE BRUNO EM NOVA YORK

47 000

atletas se inscreveram na
Maratona de Nova York de 2011

142

Total de cadeirantes que completaram
a prova nas duas categorias (Cadeira
e Handcycle, que tem marcha)

11

Número de atletas da delegação
da Achilles Brasil (8 cadeirantes
e 3 amputados)

3h49min15

Meu tempo. O campeão na categoria
Handcycle foi Alessandro Zanardi, ex-
piloto da Fórmula 1, com 1h13min58

75º

Minha colocação entre os 93 que
completaram na categoria Handcycle

QUASE ME FERRO

Domingo. Às 4 da manhã, o tema da saga de Rocky Balboa soa em meu celular. Marco Aurélio e Edmar, colegas de quarto, também despertam. Maurício Barros, redator-chefe da RW, e Alexandre Battibugli, fotógrafo, se juntam a nós. O bonde parte em direção à 5ª Avenida, onde uma frota de ônibus da Achilles – e seus voluntários – esperava para levar atletas e equipamentos para a largada em Staten Island. Haja “busão” para transportar tantos corredores cadeirantes. No caminho foi legal observar o nascer do sol refletido no rio Hudson, mas uma freada brusca fez com que eu tomasse um tombo dentro do coletivo. Nada que fosse atrapalhar.

Chegamos à tenda da Achilles próximo à largada. Foi o tempo de uma passada no banheiro químico, de engolir uma rosquinha com margarina e pular para a handbike, enquanto nosso fotógrafo Battibugli acoplava câmeras na bicicleta e no capacete. Chegava a hora da categoria Handcycle. Quando me posicionei no grid, lembrei-me do ano de preparação, de acordar cedo e de que tudo isso valeu a pena, pois a atmosfera daquele momento era indescritível. Enquanto discursava Michael Bloomberg, prefeito de NY, fui saudado por um pessoal do Brasil que estava em cima de um trailer. Pedi proteção a San Gennaro, padroeiro do meu

bairro, a Mooca, em São Paulo, quando o relógio marcou 8h55: largada!

De cara, um cartão de visita: a Ponte Verrazano-Narrows era muito íngreme. Os grandes pilotos de handbike desgarraram, entre eles Alessandro Zanardi, ex-piloto de Fórmula 1, capitão da Achilles no país dele, a Itália. Mas não foi isso que me assustou. Comecei a pedalar, mas a corrente girava em falso. Reduzi uma marcha e percebi o mesmo problema. Em vez de dar uma volta na bike no sábado para ver se estava tudo bem, como recomendou meu treinador, eu não fiz isso e morri de medo de ver o sonho americano ruir. Xinguei, blasfemei, mas percebi que só a segunda e a terceira marchas estavam ruins. Eu tinha a primeira, a quarta, a quinta e a sexta. E estava no jogo. O problema com a handbike rolou durante o voo: as coroas das marchas chegaram amassadas, fora riscos na pintura, inclusive na minha cadeira de rodas. Eu até reclamei na companhia aérea, mas...

FINAL DE FILME AMERICANO

O começo, para mim, é sempre a parte mais difícil. Senti um pouco de dor num tendão da mão direita, mas aos poucos esquentei e o incômodo melhorou. Quando desci a primeira ponte e vi um cartaz “Brooklyn loves you” no meio da multidão, eu também amei aquele lugar

que eu conheci nos filmes do Spike Lee. Daí pra frente foi difícil parar de chorar. Por todo o caminho, muita gente, todos, das crianças aos idosos, olhando nos meus olhos, torcendo, tocando suas sinetas e apitos e dizendo frases como “Vamos lá, campeão”, “Você é meu herói”, entre outras. Eu era um anônimo, mas tratado por todo o caminho como um Romário que tinha acabado de garantir o tetra para o Brasil. Cartaz é o que não faltou. Dava para ver mensagens edificantes, como “suor + sacrifício = sucesso” e “caminho para o paraíso”, e coisas bem no estilo besteiro americano. Por exemplo, uma mulher com o lema “gosto de homens com resistência” e um cara com a foto de um par de seios com a seguinte legenda: “Dois motivos para você terminar esta prova”.

Com minha mochila com mangueira munida com gel de carboidrato, consegui desenvolver um bom ritmo, embora estivesse lá atrás. Eu não me importava com a colocação. Se eu terminasse por último, já me sentiria o maior vencedor. Era demais ver as bandas pelo caminho. Ouvi rock, blues, jazz, reggae, rap, música porto-riquenha. É uma balada a céu aberto. Ufanismos à parte, o melhor era ver bandeiras do Brasil no meio da galera, embora fosse demais observar o entusiasmo e os balões das torcidas “organizadas” de países como

Holanda, Bélgica, Colômbia, México, Escócia (com direito a gaita de fole)... Àquela altura eu já “duelava” com as atletas da elite feminina, que largaram depois.

Sem forçar, cheguei ao Queens, onde teria que passar pela dolorosa Ponte Queensboro – mais uma paisagem incrível no meu percurso. Depois dela, eu já estava no meio dos corredores de elite, que saíram por último, 50 minutos depois das handbikes. Veio o famoso bairro do Bronx. Eu não estava indo tão rápido como poderia, pois não queria correr o risco de um acidente me tirar da prova. Mesmo assim, tinha uma curva que era tão fechada que eu cheguei a ficar em duas rodas, mas, ufa, não me arrebentei no chão.

AGORA VAI!

Finalmente, cruzei a ponte da avenida Madison com destino à Manhattan tão retratada por Woody Allen. Eu pedalava e agradecia as pessoas pelo apoio. Emocionado, fui pra cima da última e interminável subida: a 5ª avenida. Depois, veio o Central Park, onde encontrei nosso colunista Iberê Castro Dias frenético com a vibração da galera. Até gente pelada tinha! Curva pra cá. Curva pra lá. “Não chega”, eu pensava. Mas chego.

Quando cruzei a linha de chegada após 3 horas, 49 minutos e 15 segundos por aquelas ruas, fui tomado por uma paz que eu buscava há muito tempo. E festejei com Maurício, Batti e Iberê. Até que fiquei bem

Dê um passeio pela Maratona de Nova York com o Bruno. Um clipe emocionante o espera em www.revistarunners.com.br [RW]